

**DISCURSO RELATADO :
ENTRE A SEMELHANÇA E A DIFERENÇA**

Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Mots-clés

Discours Rapporté – Littéracies Universitaires – Genre Académique – Discours Théorique – Domaine du Savoir

Keywords

Reported Speech – Academics Literacies – Academic Genres – Theoretical Discourse – Field of knowledge

Resumé

Ce texte s'emploie à examiner les stratégies de textualisation de références au discours d'autrui couramment utilisées dans les articles scientifiques qui circulent dans les pratiques académi-co-discursives dans les domaines de l'Histoire et des Sciences Sociales. Celles-ci révèlent que les modes de référence au discours second sont de natures variées et représentent dès lors des formes de positionnement identitaire assumées par des sujets qui se constituent dans ces différents domaines.

Abstract

This present article is reviewing reference textualization strategies commonly used in scientific articles that circulate in academic-discursive practices in the fields of History and Social Sciences. Patterns of reference to the others' discourse vary and are therefore assumed forms of identity positioning by subjects who are in the process of entering new discourse worlds.

Introdução

“Mundialização”, “massificação do ensino superior” e “construção de conhecimento”, sem dúvida, são temas presentes nas agendas de pesquisa das ciências da linguagem, como também nas agendas das políticas públicas internacionais. Tais temas põem em cena a noção de letramento tanto na sua perspectiva teórico-conceitual – práticas discursivas da leitura e da escrita e suas relações com os contextos em que se desenvolvem – e, embora, redundante, quanto social – “é a chave para a comunicação e a aprendizagem de todos os tipos e uma condição fundamental de acesso à sociedade do conhecimento”¹.

Falar de letramento é situar o uso da linguagem em uma dada esfera social, o que implica, conseqüentemente, falar de gêneros discursivos como instrumentos (Schneuwly e Dolz, 2004) de interação entre sujeitos com necessidades e valores específicos. Essa perspectiva pressupõe a existência de uma relação inseparável entre gênero e domínio discursivo. Dito de outro modo, as rotinas comunicativas institucionalizadas pressupõem a existência de modos de dizer nos e pelos gêneros. No que se refere aos gêneros que circulam no domínio acadêmico, a relação entre a construção de conhecimentos acadêmicos e a produção de gêneros da escrita universitária já está dada, diante do grande número de pesquisas americanas e europeias sobre o assunto². Como bem sinaliza Lefebvre (2006), a escrita científica deixou de ser considerada unicamente como um suporte de difusão de conhecimento para ser analisada como um dispositivo material que participa diretamente da produção de saberes.

No entanto, é preciso, ainda, sublinhar que a competência comunicativa do aluno universitário nas atividades acadêmicas de letramento compreende a competência textual de produção e recepção de gêneros (lidos e escritos) da área de conhecimento em que circulam. Em outras palavras, as áreas de conhecimento (Ciências Humanas e Sociais, por exemplo) têm papel determinante na construção genérica da escrita universitária (Daunay e Lahanier-Reuter, 2011). Pode-se afirmar, enfim, que as pesquisas desenvolvidas sobre o letramento acadêmico “comungam e reforçam o entendimento de que conhecer o processo de apropriação da escrita universitária e, sobretudo, as dificuldades enfrentadas pelos estudantes que ingressam no ensino superior [...] supõe compreender os contextos nos quais os estudantes escrevem” (Assis, 2010). Acrescento a essa afirmação : conhecer as formas de discursivização da esfera acadêmica a partir dos gêneros que nela circulam.

1. Unesco, The global literacy challenge. (<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001631/163170e.pdf>)

2. Para citar alguns, Swales (1990) ; Lea et Street (1998, 2006) ; Pollet (2001) ; Boch et Grossmann (2002) ; Meurer et Motta-Roth (2002) ; Matencio et Silva (2003) ; Swales (1990) ; Bazerman (2006) ; Boch et Pons-Desoutter (2010) ; Boch et Rinck (2010) ; Daunay et Lahanier-Reuter (2011).

Como professora de disciplinas que se ocupam da leitura e produção de textos de cunho acadêmico em diferentes áreas, observo que os modos de textualização do discurso científico não são homogêneos, contrariamente ao que propõe algumas diretrizes pedagógicas de ensino da escrita universitária reproduzidas em materiais didáticos comumente usados em cursos de graduação (ver, por exemplo, Boch e Grossmann, 2015).

Há uma variação de marcas de subjetividade (cf., por exemplo, Reuter, 2015), de tempos verbais, de modos de citação, de organização retórica etc., que estão, certamente, ligadas às diversidades de gêneros, de paradigmas científicos, de metodologias. No entanto, para Grossmann (2012), os estudos sobre tais diferenças parecem revelar a natureza intrínseca das áreas do saber sem que sejam levadas em conta suas evoluções históricas e a dos gêneros, o valor das instituições, as questões políticas entre tais áreas e seus percursos individuais. “Além disso, as disciplinas são, elas próprias, um lugar de confronto entre múltiplas correntes (‘escolas’, ‘teorias’...) como é a regra nas ciências humanas e sociais” (Maingueneau, 2015, p.49).

Sob essa perspectiva, este texto, que é produto das primeiras reflexões do subprojeto *O Recurso ao discurso do outro como forma de posicionamento identitário* do projeto *Discurso acadêmico na pesquisa e no ensino : questões em torno da apropriação da palavra de outrem* (Projeto CAPES-COFECUB – Edital 19/2014)³, focaliza os modos de discursivização do discurso relatado (DR) em artigos que circulam nos cursos de Ciências Sociais e História, tendo em vista suas especificidades no que se refere à natureza do DR na construção teórico-metodológica do objeto de estudo. O que quero ressaltar é que os textos que circulam nesses cursos estão condicionados a uma série de fatores, sejam aqueles de natureza circunstancial, sejam aqueles, ao que me parece, ligados diretamente às ações sociais, culturais e intelectuais construídas historicamente no bojo das práticas discursivas legitimadas pelas comunidades acadêmicas em questão. É nesse sentido que é possível afirmar que existem modos distintos do “dizer” científico que são específicos das áreas de conhecimento que compõem o domínio acadêmico, dadas suas necessidades e valores disciplinares específicos.

Para pensar essa questão, filio-me ao pressuposto de que no estudo do funcionamento e da configuração dos gêneros como instrumentos que viabilizam a

3. O referido projeto de pesquisa é uma parceria universitária entre o Brasil e a França, envolvendo quatro instituições universitárias brasileiras – Unesp, Unicamp, USP e PUC Minas, sob a coordenação desta última – e quatro francesas – Université de Lorraine (Nancy-FR), Université Charles de Gaulle/Lille 3 e Université Stendhal/Grenoble III, sob a coordenação da primeira. O projeto “se inscreve no domínio das Ciências Humanas e Humanidades, em torno de questões respeitantes ao campo da linguística e da linguística aplicada, reúne pesquisadores brasileiros e franceses cujas atividades profissionais e produção intelectual têm sido marcadas pelo engajamento em práticas formativas. Seu objeto de investigação é o discurso acadêmico em situações de pesquisa e de ensino, sobretudo no que toca à apropriação da palavra de outrem, assumida em sua relação com o fenômeno do dialogismo, visto como propriedade constitutiva da linguagem, conforme abordagem bakhtiniana.” (Assis, J. A. (2014). Discurso acadêmico na pesquisa e no ensino : questões em torno da apropriação da palavra de Outrem. (Projeto CAPES-COFECUB – Edital 19/2014). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

inserção do sujeito nas práticas discursivas de leitura e escrita, há de se considerar as variações e, portanto, as diferentes maneiras de funcionamento e configuração dos gêneros acadêmicos, embora eles integrem um mesmo domínio discursivo. É preciso assinalar que, se os gêneros se agregam funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, incorporando no seu funcionamento o trabalho linguístico-discursivo do sujeito e da comunidade que o atualiza, construídos historicamente, as representações dos professores sobre os gêneros acadêmicos devem ser (re) pensadas no interior dos cursos que tomam tais aparatos como objeto de ensino/aprendizagem. Nesse sentido, os gêneros podem, efetivamente, se definir como instrumentos de reflexão sobre o funcionamento da língua/gem na esfera acadêmica.

O estatuto do DR

O surgimento da expressão *discurso relatado* (DR) está relacionado ao deslocamento teórico no campo das ciências da linguagem no qual o DR é emblemático. Resumidamente, tal mudança se molda : i) na concepção de um sujeito destituído do domínio de seu dizer no sentido lacaniano ; ii) na análise das práticas discursivas, levando em conta a característica ideológica do signo e iii) na construção do sentido, tendo em vista a heterogeneidade dessas práticas (Rosier, 1999). De maneira mais pontual, é nos trabalhos do círculo de Bakhtin, cuja concepção de linguagem é dialógica, que se encontra a origem da expressão *discurso de outrem* (Bakhtin/Volochinov, 2004). Nas palavras do autor, “o discurso citado é o discurso no discurso, e enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (Bakhtin/Volochinov, 2004 : 144).

Os estudos sobre o DR tratam dos diversos modos de representação linguística e tipográfica – itálico e aspas – de falas outras que não sejam a do enunciador. Authier-Revuz, cujo trabalho volta-se para a “configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa” (Authier-Revuz, 1998 : 14) concebe o DR da seguinte forma :

1. discurso citado em sentido estrito e modalização em discurso segundo. No primeiro caso outro ato de enunciação é tomado pelo enunciador – *Maria disse que você não foi à aula*. No segundo caso ocorre a modalização da enunciação, de forma que ela se apresenta como segundo em relação à primeira enunciação – *Ela não é nenhuma Brastemp, como se diz*.
2. signo padrão e signo autônomo. Em *O carro bateu a palavra carro* está se referindo a uma entidade do mundo. Já em *Não encontrei a palavra carro no dicionário de francês* a palavra *carro* refere-se ao próprio signo linguístico.
3. representações explícitas da citação e as que supõem um trabalho interpretativo por parte do interlocutor. Distinguem-se três níveis : as formas explícitas, linguisticamente marcadas – segundo X, nas palavras de X ; as formas marcadas por elementos paralinguísticos ou tipográficos – aspas,

itálico, dois pontos, entonação, que exigem um trabalho interpretativo por parte do locutor ; as formas puramente interpretativas como as citações escondidas, as alusões, as reminiscências.

Segundo Compagnon (1996 : 46), em sua reconhecida obra **O trabalho da citação**,

as diversas tentativas de definição da citação e a pequena tipologia proposta para seus valores de repetição baseiam-se em critérios formais e não funcionais. [...] Podemos descrever todas as formas possíveis, catalogar todas elas, elaborar um modelo que as determine : esse é o objetivo de um estudo formal ; mas as funções, estas são essencialmente variáveis segundo os sistemas [...] são práticas efêmeras e empíricas para as quais não há catálogo exaustivo possível.

Mas, argumenta o autor, a forma da citação pode revelar um inventário de funções (Compagnon, 1996). É o que mostra o estudo qualitativo efetuado por Boch e Grossmann (2002), a partir de artigo da revista **Langages** acerca das funções atribuídas ao DR nos artigos científicos produzidos por especialistas :

- *introduzir seu ponto de vista (“Desde 1966, X assinalava que...”)* ;
- *marcar o pertencimento a uma corrente, a uma escola (“Meu estudo se situa no quadro da teoria da polifonia tal como foi desenvolvida por Oswald Ducrot (1984)”)* ;
- *referir-se a trabalhos anteriores, para traçar o estado de uma problemática, para sustentar uma definição ;*
- *fundamentar uma afirmação (“A compreensão em leitura está ligada à automatização dos processos de baixo nível (Fayol, 1988)”)* ;
- *discutir uma afirmação, se afastar de uma posição (“Se se pode admitir, com D. Véronique, que ‘outros morfemas além dos adjetivos podem aparecer em condições comparativas’ (1963 : 204), o exemplo que o autor dá apresenta alguns problemas (...)” (Boch e Grossmann, 2002 : 103).*

Dessa perspectiva, tanto as formas como as funções do DR são elementos estabilizadores do funcionamento do discurso. Essas tendências, para Bakhtin/Volochinov (2004), são frutos das práticas sociais de cada domínio discursivo, pois as formas/funções de transmissão do discurso do outro estão sistematicamente atreladas ao contexto comunicativo em que emergem.

Ao discutir sobre a autoridade do discurso relatado, Maingueneau (1997 : 86) afirma que seu valor reside em cada formação discursiva, já que “o sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, mas de acordo com as imposições desse lugar discursivo que regulam as citações”. Além disso, o discurso acadêmico, “pela própria natureza de sua orientação, não é tão livre na sua maneira de tratar as palavras de outrem” (Bakhtin/Volochinov, 2004 : 153), como também a apreensão do discurso do outro no domínio acadêmico pode consistir-se em discursos

teóricos e não teóricos. Os primeiros se valem de teorias e pesquisas, enquanto os segundos se constituem de documentos, exemplos, fontes, etc. (Reuter, 2015).

Portanto, se os estudos indicam que as formas e as funções o DR são distintas em relação a quem enuncia e do lugar em que enuncia, parece-me possível interrogar sobre a natureza das citações no discurso acadêmico. Quais são as vozes que falam ? Que tipo de autoridade é conclamado ?

Para responder a essas questões, analisei um *corpus* constituído de 80 artigos em Língua Portuguesa, sendo 55 da área de História e 25 da área de Ciências Sociais, publicados no Brasil no ano de 2015, nas revistas **Cadernos de História** e **Cultura Midiática**, respectivamente. Os artigos são de natureza eletrônica e suas revistas de publicação são reconhecidas como referências entre os pares.

Para abordar essas duas questões, selecionei exemplos de citação direta, citação indireta e ilhota citacional⁴. Por entender a citação direta como uma tomada de posição explícita do autor em relação a outro discurso (Florez, 2014), limitei a análise do DR a essa forma.

As citações diretas mostraram-se relativamente diferentes nas áreas em estudo. Além de o discurso citado ser de origem teórica, verificou-se, também, que a fonte da citação, dada a natureza do objeto de estudo de cada área, é, muitas vezes, de ordem documental e não teórica. Vejamos :

Exemplo (1)

Tais recursos retóricos fazem parte dos códigos culturais compartilhados entre os letrados, num tempo em que os antigos e a cultura clássica eram os parâmetros de pensamento e comportamento.

Se hoje aparecemos, inexpertos gladiadores, na liça da publicidade, é para dar o grito de alerta nos arraiais silenciosos da mocidade, despertando essa pléiade de jovens esperançosos, cujas inteligências desabotoam agora aos raios vivificadores do talento, sacudindo-os da modorra que os entorpece, da descrença que os acabrunha, da ociosidade que os estraga, revelando-lhes o que eles podem, e mostrando-lhes o tempo que passa e o futuro que chega. (O GUAYBA, 03/08/1856 : 1)⁵.

Exemplo (2)

Como foi o primeiro, isso já lhe imputava muitas responsabilidades, pois seria o sucessor do pai no marquesado e na administração da casa nobiliárquica Lavradio-Avintes. Ainda muito jovem recebeu a dedicatória de um compêndio, publicado em 1746, projetando alguns traços do que deveria ser sua personalidade :

4. "A 'ilhota citacional' permite tanto a integração quanto a colocação em evidência do segmento citado, pela marca escritural, graças ao itálico e às aspas" (Boch & Grossmann, 2002).

5. GOMES, R. A. S. de. (2015). O Guayba : o papel do jornalismo literário na formação dos jovens sul-rio-grandenses em Porto Alegre (1856-1858). Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, p. 46-76. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.22378871.2015v16n25p46/8987>

"[...] ilustrará os gabinetes, e as campanhas; que para estes fins he que nasceo, quando nasceo Almeida [...]", pois, segundo o autor, o sangue que corria em suas veias era o "[...] mais puro sangue de Portugal, França, e Hespanha, que todo junto, (e ainda casa hum per si) fôrma hum Oceano de fidalguia." (FREIRE, 1746 : 3)⁶.

Nestes exemplos têm-se, como natureza do DR, os documentos que são objetos de estudo dos artigos em questão. No primeiro, o objeto de estudo é um periódico literário intitulado *O Guayba*⁷. No segundo exemplo, como o objeto de estudo era uma carta D. Luís de Almeida, vice-rei do Estado do Brasil de 1769 a 1779, várias citações eram trechos dessa carta. É preciso assinalar que o DR, nesses casos, ao mesmo tempo que é tomado como dado em análise tem a função de fundamentar as afirmações do discurso citante, realizando, assim, o papel fundamental de argumento de autoridade na textualização do discurso científico, e por decorrência, na construção do fazer científico da área de História.

Como as Ciências Sociais têm como um de seus objetos de estudo os discursos dos sujeitos sociais, a natureza do DR é, muitas vezes, esses próprios discursos. Na análise de 25 artigos, encontrei a seguinte configuração do DR :

Exemplo (3)

Quem nos explica essa prática de trocas no contexto local é o agenciador do Boi de Sonhos, Robson Coral : "No Maranhão, sem a influência política nada se consegue". Ele enfatiza a necessidade de apadrinhamentos políticos e favores que garantam o passe-livre do grupo junto a órgãos públicos, a veículos de comunicação e empresas privadas : "Hoje, a relação com políticos ou empresários é necessária para manter o boi. Não há como trabalhar de outro modo, porque somente a comunidade não sustenta mais um grupo, como acontecia antigamente"⁸.

Exemplo (4)

Em entrevista, ao falar sobre o fim de TV Pirata e o surgimento de Programa Legal, Regina Casé esclarece que desde o início cada um assume um papel muito claro nessa tríade.

6. CONCEIÇÃO, A. A. da. (2015). Entre o ofício e a amizade : o discurso epistolar do vice-rei 2º Marquês do Lavradio no século XVIII. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, p. 142-167, dez. <http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/27203/14505>

7. "O Guayba é o primeiro periódico dedicado exclusivamente à vida cultural da cidade de Porto Alegre, Brasil, circulou sempre aos domingos, de 03 de agosto de 1856 a 26 de dezembro de 1858, totalizando 120 edições na coleção encontrada para consulta no IHGRS (Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul)". (GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. O Guayba : o papel do jornalismo literário na formação dos jovens sul-rio-grandenses em Porto Alegre (1856-1858) (O Guayba : the role of literary journalism in the training of young Rio Grande do Sul in.... *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, p. 46-76, dez. 2015. ISSN 2237-8871. <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2015v16n25p46/8987>)

8. CARDOSO, L. C. M. (2015). Processos de construção do imaginário no bumba meu boi do Maranhão. *Alceu*, Rio de Janeiro, v.16 n.31, Jul./Dez. <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2031%20pp%20114-130.pdf>

A Globo me chamou e propôs : “vamos fazer um programa de humor ? Você sozinha”. Eu me lembro da primeira reunião com o Daniel, em que eu falei : “esse programa eu não quero fazer”. Ele perguntou : “e qual é o programa que você quer fazer ?” Falei : “um programa em que eu vá nos lugares que frequento normalmente para mostrar como as pessoas diferentes se divertem, por que quem está aqui não tem a menor ideia sobre o que está acontecendo num baile funk. [...] (CASÉ, 2002, p. 3)⁹.

Em (3), Robson Coral é tomado como autoridade para validar o estudo que se fez sobre o bumba-meu-boi¹⁰, símbolo folclórico do Maranhão, estado brasileiro. Em (4), o objeto de estudo são séries não ficcionais reproduzidas pela TV Globo¹¹. Para fundamentar seu estudo, a autora recorreu à fala de uma apresentadora de televisão conhecida nacionalmente – Regina Casé – como forma de legitimar seu estudo. Aqui, o DR também não foi tomado como dado de análise e sim como discurso de autoridade.

Conclusão

Vemos, portanto, que a natureza do DR pode diferir no interior domínio discursivo científico. Tal diferença, a meu ver, deve ser analisada levando em conta os contextos extralinguísticos que podem auxiliar na compreensão do processo de discursivização do DR no âmbito acadêmico. Por consequência, esse entendimento poderá contribuir para as práticas de leitura e escrita nessa esfera discursiva, tendo em vista que tais práticas são tomadas como aparatos de construção do saber-dizer e do saber-fazer científicos.

Como disse no início deste texto, o que apresentei é ainda o começo de uma discussão maior que está sendo realizada no âmbito do projeto *Discurso acadêmico na pesquisa e no ensino : questões em torno da apropriação da palavra de outrem*. De qualquer forma, o estudo preliminar do DR permite-me seguir algumas perguntas : de que modo as diferentes aéreas do saber se diferenciam no que se fere ao uso DR ? Quais são as fontes comumente tomadas como autoridade nas diferentes áreas de conhecimento ? Essas fontes têm o mesmo estatuto na produção do discurso científico ? Para obter respostas para tais questões, é preciso, ainda, estudos com outras disciplinas e sobre outros fenômenos linguageiros em torno do DR.

9. FREITAS, G. B. de. (2015). “Um por todos e todos por um” : a oferta midiática da cultura-produto de periferia nas séries do projeto Central da Periferia. *Cultura Midiática*, Paraíba, v. 8, n. 2. <http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/27203/14505>

10. Bumba meu boi ou boi-bumbá é uma dança do folclore popular brasileiro, com personagens humanos e animais fantásticos, que gira em torno de uma lenda sobre a morte e a ressurreição de um boi. https://pt.wikipedia.org/wiki/Bumba_meu_boi

11. Canal aberto de televisão brasileiro.

Referências

- Assis, J. A. (2010). *A escrita no espaço universitário : saberes, representações e construção identitária. Projeto de Pesquisa*. Belo Horizonte (Brasil) : PUC Minas.
- Authier-Revuz, J. (1998). *Palavras incertas : as não-coincidências do dizer*. Campinas (Brasil) : Ed. da UNICAMP.
- Bakhtin, M. (2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo (Brasil) : Hucitec.
- Bazerman, C. (2006). *Gênero, agência e escrita*. São Paulo (Brasil) : Cortez.
- Boch, F., & Grossmann, F. (2002). Referir-se ao discurso do outro : alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. *Scripta*, 6(11), 97-108.
- Boch, F., & Grossmann, F. (2015). Sobre o uso de citações no discurso teórico : de constatações a proposições didáticas. Dans F. Rinck, F. Boch & J. A. Assis (Dir.) *Letramento e formação universitária : formar para a escrita e pela escrita* (pp. 89-115). Campinas (Brasil) : Mercado de Letras.
- Boch, F., & Rinck, F. (Dir.) (2010). *Lidil 41 : Énonciation et rhétorique dans l'écrit scientifique*. Éditions littéraires et linguistiques de l'université de Grenoble – Université Grenoble Alpes.
- Boch, F., & Pons-Desoutter, M. (2010). Le résumé de communication : Analyse contrastive en didactique du français et en formation d'adultes. *Revue d'anthropologie des connaissances*, 4(3), 527-549.
- Compagnon, A. (1996). *O trabalho da citação*. Belo Horizonte (Brasil) : Editoria UFMG.
- Daunay, B. & Lahanier-Reuter, D. (2011). Les genres d'écrits dans la formation supérieure : étude comparative en formation professionnelles des enseignants et en formation universitaire générale. *Bulletin suisse de linguistique appliquée (VALS-ASLA)*, 93, 101-113 [en ligne]. Récupéré du site de la revue : https://doc.rero.ch/record/11876/files/bulletin_vals_asla_2011_093.pdf.
- Delcambre, I., & Lahanier-Reuter, D. (2010). Les littéracies universitaires : influence des disciplines et du niveau d'étude dans les pratiques de l'écrit. *Diptyque*, 18, 11-42. Récupéré de : <http://www.forumlecture.ch/sysModules/obxLeseforum/Artikel/431/Les-litteracies-universitaires.pdf>
- Florez, M. (2014). La citation positionnée dans l'écrit scientifique. Dans A. Tutin & F. Grossmann (Dir.), *L'écrit scientifique : du lexique au discours* (pp. 67-85). Rennes : Presses Universitaires des Rennes.
- Grossmann, F. (2010). El autor científico. *Revue d'anthropologie des connaissances*, 4(3). Récupéré du site de la revue : www.cairn.info/revue-anthropologie-des-connaissances-2010-3-page-1.htm.

Lea, M. R., & Street, B. V. (1998). Student writing in higher education : an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, 23, 157-172.

Lea, M. R., & Street, B. V. (2006). The “Academic Literacies” model : theory and applications. *Theory into Practice*, 45(4), 368-377.

Lefebvre, M. (2006). Les écrits scientifiques en action : pluralité des écritures et enjeux mobilisés. *Sciences de la société*, 67, 3-15. Récupéré de : http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00069516/document.

Matencio, M. L. M., & Silva, J. Q. G. (2003). Retextualização : movimentos de aprendizagem. Dans *ANAIS do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição*. Belo Horizonte (Brésil) : FAE. Récupéré de http://www.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121016135930.pdf.

Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas (Brésil) : Pontes.

Maingueneau, D. (2015). *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo (Brésil) : Parábola.

Meurer, J. L. Mota-Roth, D. (2002). *Gêneros textuais e práticas discursivas : subsídios para o ensino da linguagem*, São Paulo (Brésil) : EDUSP.

Pollet ; M. (2001). *Pour une didactique des discours universitaires : étudiants et système de communication à l'université*. Bruxelles : De Boeck.

Reutner, U. (2015). De nobis ipsis silemus ? As marcas de pessoa no artigo científico. Dans F. Rinck, F. Boch & J. A. Assis (Dir.) *Letramento e formação universitária : formar para a escrita e pela escrita* (pp. 125-143). Campinas (Brésil) : Mercado de Letras.

Rosier, L. (1999). *Le discours rapporté : histoire, théories, pratiques*. Paris : Editions Duculot.

Swales, J. M. (1990). *Genre Analysis. English in academic and research settings*. Cambridge : Cambridge University Press.

Schneuwly, B. (2004) Gêneros e tipos de discurso : considerações psicológicas e ontogenéticas. Dans B. Schneuwly & J. Dolz (Dir.) *Gêneros orais e escritos na escola* (pp. 21-39). Campinas (Brésil) : Mercado de Letras.